

Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó



Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó
13 a 16 de outubro de 2002

Comissão Organizadora

José Alexandre Felizola Diniz

Maria Cleonice Vergne

Maria Luzia M. Vieira

Maria Tereza S. Cruz

Fernando Lins de Carvalho

Almir Souza Vieira Júnior

Ilustração da capa: Fragmento do painel do Sítio Letreiro

Editoração Eletrônica: Adilma Menezes

APRESENTAÇÃO

O Museu de Arqueologia de Xingó faz entrega à comunidade científica nacional dos Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó, evento realizado em Canindé do São Francisco, de 13 a 16 de outubro de 2002.

Do presente volume constam o relatório sobre o que foi o Workshop, os textos completos das conferências proferidas pelos professores José Luís de Moraes, Pedro Inácio Schmitz e Carlos Alberto Etchevarne, os resumos das 20 comunicações apresentadas em painel e os programas dos minicursos ministrados pelas Professoras Aracy Losano Fontes, Tânia Andrade Lima, Margarida Davina Andreatta, Marisa Coutinho Afonso e Márcia Angelina Alves.

Com essa publicação, o MAX conclui as atividades do Workshop e divulga, no meio arqueológico, as atividades e a produção resultante do evento.

O MAX espera que o Encontro tenha contribuído para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos no país, almejando que dele possa advir um maior interesse por esse campo da pesquisa científica.

INFLUÊNCIA DA EVOLUÇÃO COSTEIRA HOLOCÊNICA NA OCUPAÇÃO POR GRUPOS SAMBAQUIEIROS - Prospecção Arqueológica de Sambaquis na Costa do Estado de Sergipe.

Suely Amâncio*

José Maria Landim Dominguez**

As zonas costeiras são uma das áreas mais dinâmicas do planeta, apresentando-se em constante mudança. Alterações profundas nos ecossistemas costeiros foram provocadas por variações do Nível Relativo do Mar (NRM) durante o Holoceno e por mudanças nos padrões de transporte e deposição de sedimentos (Dominguez *et al.* 1996). As modificações da fisiografia e dinâmica costeiras exerceram assim, papel importante na forma e na dinâmica da ocupação da zona litorânea pelos grupos humanos pré-históricos, como relatado em Jardine & Morrison (1976) e Dunbar *et al.* (1991) para os litorais da Inglaterra e Estados Unidos, respectivamente e, Kneip (1980), Suguio *et al.* (1991), Amâncio & Dominguez (1999) e Silva (2000), para a costa brasileira.

Pesquisas realizadas mostram que a costa leste brasileira, no decorrer do Quaternário, esteve submetida a importantes flutuações do Nível Relativo do Mar (Bittencourt *et al.* 1979, Dominguez *et al.* 1981, Bittencourt *et al.* 1983, Suguio *et al.* 1985, Dominguez 1987, Dominguez *et al.* 1987). Ainda segundo Suguio *et al.* (1991) e Martin & Dominguez (1992), no Holoceno, durante a Última Transgressão (Bittencourt *et al.* 1979), ocorrida por volta de 5.600 anos A.P., os ambientes lagunares atingiram sua expressão máxima. As transgressões subsequentes há 5.600 anos A.P., alcançaram cotas abaixo daquelas verificadas durante o máximo da Última Transgressão, e desta forma, não se formaram grandes áreas protegidas na costa. Durante as regressões, por outro lado, a grande maioria dos

* Arqueóloga da UFS

** Universidade Federal da Bahia.

ambientes lagunares, formados durante a Última Transgressão, desapareceram transformado-se em brejos e pântanos.

A ocorrência de sítios costeiros pleistocênicos é muito rara no Brasil (Figuti 1993). No entanto a partir do início do Holoceno, os registros de sítios costeiros, com utilização efetiva de seus recursos ambientais são frequentes. A maior evidência da presença desses grupos que ocuparam a região costeira, são os sítios arqueológicos denominados de sambaquis costeiros, berbigueiros ou sernambis (Garcia 1972). Estes sítios são constituídos basicamente por amontoados de conchas de moluscos e apresentam vestígios arqueológicos tais como: ossos de animais principalmente de peixes, mas também, de mamíferos, aves, répteis, restos de caranguejos e de ouriços-do-mar; esqueletos humanos; sementes e coquinhos; marcas de fogueiras e de habitação, artefatos de osso (pontas, anzóis, agulhas, adornos) e artefatos líticos (lâminas de machados, quebra-coquinhos, almofarizes, lascas de quartzo), além de fragmentos de matéria-prima não modificadas pelo homem.

Segundo Gaspar (2000), os grupos sambaquieiros (construtores de sambaquis) apresentavam como característica fundamental a acumulação de restos de alimentos, em sua grande maioria as carapaças de moluscos, que foram estruturando paulatinamente plataformas que atualmente se destacam da paisagem atual. Os sambaquieiros foram implantados em pontos próximos às áreas protegidas do mar, tais como lagunas, estuários e manguezais, e sempre próximos a fontes de água doce (rios ou lagoas). Ainda de acordo com Gaspar (2000), os artefatos que compõem a indústria desses grupos, indicam que existia nesses espaços uma cadeia de atividades características de um espaço doméstico onde ocorria a presença de ossos humanos, referentes a ambos os sexos e de diferentes idades, sendo este conjunto de características exclusivas do sistema de implantação dos sambaquis.

Gaspar (1996) considera ainda que os elementos que tiveram peso significativo na escolha de locais para a ocupação das áreas costeiras por grupos sambaquieiros, também chamados de grupos PCC (pescadores, coletores, caçadores), foram à presença de ambientes que pudessem fornecer moluscos em abundância e peixes, além da proximidade com a água doce. Ab'Saber (1984) cita que os construtores de sambaquis eram homens vinculados à coleta de moluscos e peixes, no ambiente de lagunas, canais, estuários e lagamares residuais.

O estudo de sambaquis, sítios que se encontram distribuídos principalmente nas regiões sul e sudeste do Brasil, indicam a presença bem marcada de grupos de PCC na zona costeira por volta de 5.100 anos A. P. (Gaspar 1996), momento este vinculado ao máximo da Última Transgressão (Bittencourt *et al.* 1979). Existe uma escassez de sítios arqueológicos desta natureza na região costeira nordestina, salvo alguns registros de sambaquis localizados na Bahia, São Luís do Maranhão e informações em Alagoas e Piauí. Segundo Martin (1997), os dados existentes para o nordeste são fragmentários, em razão das poucas pesquisas arqueológicas desenvolvidas nesta região.

Supõe-se que muitos sambaquis podem ter sido destruídos no nordeste, pois relatos históricos do século XVI (Souza 1938) apontam para a existência dos mesmos em várias localidades, nas quais, entretanto, vestígios de sítios não são encontrados na atualidade. Outro fator consiste no fato de que no nordeste possivelmente não se formaram grandes áreas lagunares durante o máximo da Última Transgressão, áreas estas, necessárias para a proliferação de bancos de moluscos e conseqüentemente de matéria prima para a construção de grandes sambaquis. Quando comparado com o sul e sudeste brasileiros, o litoral nordestino apresentou poucas áreas protegidas durante o Holoceno, conforme pode ser deduzido a partir dos estudos de evolução costeira efetuados por Martin *et al.* (1984), Suguio *et al.* (1991), Martin & Dominguez (1992) e Dominguez *et al.* (1999).

Partindo-se desses levantamentos, pode-se inferir que a grande maioria dos sambaquis, ainda existentes no nordeste provavelmente são de pequeno tamanho, o que é corroborado pelas raras informações disponíveis para esta região (Calderón 1964, Carvalho 1995, Martin 1997 e Silva *et al.* 1997). Reforça-se assim, a necessidade de uma abordagem interdisciplinar enfatizando a evolução geológico-geomorfológica holocênica da região nordeste para a localização desses sítios, não só pelo fato de os mesmos já estarem bastante descaracterizados como também pelas suas dimensões originalmente bastante reduzidas.

Pesquisas mais recentes efetuadas por Silva (2000) mostraram ser possível encontrar sítios arqueológicos do tipo sambaqui utilizando como abordagem principal para a prospecção a evolução geológico-geomorfológica holocênica da zona costeira. Tal abordagem consistiu em mapear as possíveis áreas inundadas durante a Última Transgressão, as quais teriam servido de áreas suporte para a implantação desses grupos sambaquieiros.

A região costeira do Estado de Sergipe, área-alvo desta pesquisa, é uma região praticamente inexplorada em termos arqueológicos, existindo apenas poucos levantamentos realizados por Calderón em 1971, e pela Universidade Federal de Sergipe na década de 80 com informações e prospecções de alguns sítios próximos a costa. Esta carência estimulou o desenvolvimento desta pesquisa na busca de uma resposta acerca da lacuna de informações existente para esse Estado. Por outro lado, levantamentos obtidos através de fontes históricas, etnográficas (Sobrinho 1954, Dantas 1991) e de informações orais acerca das populações pré-históricas que ocuparam o Estado de Sergipe, associadas às informações existentes sobre a evolução paleogeográfica quaternária da zona costeira (Bittencourt *et al.* 1983), apontam para o fato do litoral de Sergipe apresentar-se como uma área possivelmente favorável à ocupação por grupos de pescadores, coletores e caçadores durante a pré-história.

Essa costa, durante os últimos 5.600 anos A. P., passou por modificações na sua fisiografia e nos seus ecossistemas que afetaram sua potencialidade como áreas de oferta, acesso a aquisição de alimentos e matéria-prima pelo homem pré-histórico. Desta forma buscando identificar as áreas potenciais à instalação de grupos sambaquieiros na costa de Sergipe, propôs-se usar uma abordagem pouco usual na arqueologia brasileira que é a de utilizar, como ponto de partida, uma compreensão da evolução da zona costeira nos últimos 5.600 anos A. P., para orientar a prospecção arqueológica das culturas sambaquieiras. Utilizando-se critérios geológico-geomorfológicos foram selecionadas cinco áreas para prospecção arqueológica. Nestas áreas se identificaram aqueles setores que foram potencialmente invadidos pelo mar durante o máximo da Última Transgressão (5.100 anos A. P.). As terras secas que bordejavam estas áreas inundadas foram eleitas como aquelas que apresentaram o maior potencial para prospecção arqueológica de grupo PCC.

Os trabalhos de prospecção realizados não resultaram na descoberta de sítios arqueológicos do tipo sambaqui, além de terem colocado em evidência que durante o máximo da Última Transgressão, as mudanças ocorridas em decorrência das variações do NRM no litoral sergipano não proporcionaram a formação de grandes áreas lagunares que pudessem dar suporte à ocupação da área por grupos PCC. Portanto, a ausência de sambaquis na zona costeira do Estado de Sergipe parece ser consequência de uma fisiografia inadequada da zona costeira.

Diante do quadro da necessidade de se estudar o potencial arqueológico e o ambiente físico do litoral sergipano, este estudo torna-se relevante ao possibilitar o aumento de informações referentes ao seu ambiente físico e as transformações experimentadas pela zona costeira durante o Holoceno e suas repercussões na ocupação pré-histórica da região.

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, A. N. 1984. Tipos de Habitat do Homem do Sambaqui. Revista de Pré-História, São Paulo. P: 121–122.

AMANCIO, S. G; DOMINGUEZ, J. M. L. 1999. Influencia da Evolução Costeira Holocênica e a Ocupação Pré-histórica no Litoral de Sergipe. VII Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário–ABEQUA-3 a 9 de outubro de 1999, Porto Seguro, BA. CD-room

BITTENCOURT, A.C.S.P, MARTIN, L , VILAS BOAS, G. S.; FLEXOR, J-M. 1979. Quaternary marine formations of the coast of the State of Bahia, Brazil. In: Proc. 1978. Int. Symp. Coastal Evolution in the Quaternary. Suguio K.; Fairchild, T.R.; Martin, L. and Flexor, J-M. Eds. São Paulo P: 232–253.

BITTENCOURT, A.C.S.P, MARTIN, L., DOMINGUEZ, J.M.L., FERREIRA, Y.M.A. 1983. Evolução Paleográfica Quaternária da Costa do Estado de Sergipe e da Costa Sul do Estado de Alagoas, Revista Brasileira de Geociências. P: 93-97.

CALDERÓN, V. 1964. O Sambaqui da Pedra Oca. Relatório de uma Pesquisa, 2. Universidade da Bahia, Instituto de Ciências Sociais, 88 p.

CARVALHO, L.G.A. 1995. A presença de Sambaquis no Litoral Piauiense. Anais da 47ª Reunião Anual da SBPC – Resumos, Comunicações Vol. II, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 9 a 14 de Julho de 1995. p: 112.

DANTAS, B. G. 1991. Os índios em Sergipe. Textos para a História de Sergipe. UFS/BANESE, Aracaju. p: 19-55.

DOMINGUEZ, J. L. 1987. Quaternary sea level changes and the depositional architecture of beach-ridge strandplains along the coast of Brazil. Ph. D. Dissertation, University of Miami–Florida/USA, 288 p.

DOMINGUEZ, J. M. L.; BITTENCOURT, A. C. S. P.; MARTIN, L. 1981. Esquema evolutivo da sedimentação quaternária nas feições deltaicas dos rios São Francisco (SE/AL), Jequitinhonha (BA), Doce (ES) e Paraíba do Sul (RJ). *Revista Brasileira de Geociências*. 11 (4). p: 227–237.

DOMINGUEZ, J.M.L.; LEÃO, Z.M.N. & LYRIO, R.S. 1996. Litoral Norte do Estado da Bahia: evolução costeira e problemas ambientais. Roteiro de Excursão E4/ Cong. Bras. Geol., SBG-Núcleo Bahia/Sergipe, Salvador, 1996, 32 p.

DUARTE, P. 1968. O Sambaqui visto através de alguns sambaquis. Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo. São Paulo, 113 p.

DUNBAR, J.S.; WEBB, S.D.; FAUGGHT, M. 1991. Inundated Prehistoric Sites in Apalachee Bay, Florida, and the Search for the Clovis Shoreline. Chapter 6: 117–149. In: *Paleoshorelines and Prehistory: Na Investigation of Method*. Edited by Lucille Lews Johnson, CRC Press, Boca Caton Ann Abort Landom, 239 p.

FIGUTI, L. 1993. O Homem Pré-Historico, o Molusco e o Sambaqui: Considerações Sobre a Subsistência dos Povos Samabaquieiros. *Rev. Do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 67-80.

GARCIA, C. D. R. 1972. Estudo comparativo das fontes de alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, São Paulo – SP.

GASPAR, M. D. 1996. Análise das Datações Radiocarbônicas dos Sítios de Pescadores, Coletores e Caçadores, *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi, série Ciências da Terra* 8. p: 81-91.

GASPAR, M.D. 2000. Sambaqui: Arqueologia do litoral brasileiro. Coleção *Descobrimdo o Brasil*. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 89 p.

JARDINI, W. G. & MORRISON, A. 1976. The archaeological significance of Holocene coastal deposits in south-western Scotland. In: *Geoarchaeology Earth Science and the Past. Sectio 2 Coastal and Lacustrine environments*. Gerald Duckworth and Co. Ltd., London. p: 175–196.

KNEIP, L. M. 1980. Seqüência cultural do sambaqui do Forte-Cabo Frio, Rio de Janeiro. *Estudos de Arqueologia e Pré-História Brasileira*, Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, RS. *Pesquisas Antropologia*, 31 p.

MARTIN, G. 1997. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Segunda edição atualizada – Recife: Editora Universitária da UFPE, 450 p.

MARTIN, L., DOMINGUEZ, J. M. L. 1992. Geological history of coastal lagoons—with particular references to examples from the east coast of Brazil. In: B. Kjerfve (ed.), *Coastal Lagoon Processes*, Elsevier, Amsterdam. p:

PROUS, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Editora UNB, Brasília – DF, 605 p.

SILVA, C. C. 2000. Herança Geológica como ferramenta para a prospecção de sambaquis no litoral norte do estado da Bahia: o exemplo do sambaqui Ilha das Ostras. Dissertação de mestrado. IGEO/UFBA. Salvador–BA, 126 p.

SOBRINHO, S. 1954. *Laudas da História de Aracaju*, 320 p.

SOUSA, G. S. de. 1938. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 493p. SPHAN, 1984. SUGUIO, K. 1999. *Geologia do Quaternário e mudanças ambientais: (passado + presente = futuro)*, São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 365 p.

SUGUIO, K.; MARTIN, L.; BITTENCOURT, A C. S. P.; DOMINGUEZ, J. M. L.; FLEXOR, J-M; AZEVEDO, A E. G. 1985. Flutuações do nível do mar durante o Quaternário superior ao longo do litoral brasileiro e suas implicações na sedimentação costeira. *Revista Brasileira de Geociências*, 15 (4). p: 273–286.

SUGUIO, K.; MARTIN, L.; FLEXOR, J-M. 1991. Paleoshorelines and the sambaquis of Brazil. Chapter 4. In: *Paleoshorelines and Prehistory: Na Investigation of Method*. Edited by Lucille Lews Johnson, CRC Press, Boca Caton Ann Abor London, 239 p.